

## Prefácio *One Week*

Por Pedro Moura

Em *One Week*, o protagonismo reside na transdimensionalidade. As duas dimensões das instruções passam às três dimensões da casa-em-potência, que vivem nas duas do filme (cujo máximo resultado está no inesperado acidente ferroviário final), embrulhadas na quarta dimensão do tempo: o do próprio filme, o do título, o da acção. E há outras travessias, como a parede de três dimensões caindo no chão e transformando-se num plano a duas dimensões que é atravessada pelo Pamplinas. Planos sobrepõem-se, desde o casaco tapado pela carpete, e depois salvo, à cena do banho tapada por uma mão sem corpo, entre a dimensão da história e a da película. Outras dimensões invertem-se: o lote 99 era o 66, o vilão faz de um 3 um 8 e de um 1 um 4, Keaton escreve “welcome” ao contrário. Vários eixos concorrem e misturam-se, em torno do qual rodopiam pianos, paredes, portas, e a própria casa.

O projecto de Isabel Baraona requalifica e redimensiona esse trânsito. Como “traduzir” essas negociações incessantes num meio diferente, papel e manchas e linhas, de certa forma um objecto mais íntimo, uma vez que a leitura permite/obriga a uma fusão total do eixo motor do leitor com o objecto lido? Esquecendo qualquer ideia de “tradução” e abrindo-se à matéria das dimensões mesclando-se entre si.

A textura dos papéis e da tinta aguada sobrevive nas manchas, assim como as linhas titubeantes resistem à limpeza do estilo, deixando ver o trajecto das mãos, tão seguras na sua tremura. Tal como o rosto de Buster Keaton é tão mais impassível para nos fazer crer na profundidade das palavras que não diz mas faz sentir à sua amada, também estes negros e brancos colidem e multiplicam-se para irem além da cor. Há apenas dois retratos isolados das duas personagens, cada um inclinado num ângulo (talvez um para o outro), ele em manchas, ela em linhas, ambos com o rosto dividido em áreas escuras e áreas brancas (estas menores). Tratar-se-á de um pequeno puzzle, ilusoriamente simples, tal como as instruções de uma casa montável, enigma sem fim? Mas que outro enigma haverá maior que o do amor, irresolúvel na sua felicidade irritante (a fusão dos amantes, uma frase começada por um e completada por outro, os ingénuos dois corações atravessados por uma só flecha. Do tempo?)?

No *One Week* de Baraona temos acesso visível ao interior do casal, a sua bagagem interna, os objectos transicionais de cada um. A casa fantasmática, que jamais se forma, é o ponto prometido de fusão de ambos, sistematicamente negado, parcial (as cabeças não cabem nas caixas) e totalmente (a casa surge sempre como um objecto aberto para fora). Mas nunca se largam as mãos ou abandonam a proximidade dos corpos, sempre inclinados na direcção um do outro, como aquelas almas que redescobrem o corpo original a que pertenciam, na lição do Aristófanos do Banquete. Leva(m) tempo a perceber que as ramificações do amor não precisam de objectos externos, tridimensionais, já que é num plano estreito e contínuo que uma linha se mescla na outra.

A artista do livro nega o acidente final do filme. Mas não nega tampouco que a casa, objecto transicional último do casal enquanto casal (e não conjunto de dois indivíduos) tem uma sombra superior à do seu espaço. Porque atravessa outra dimensão que não a do papel, da película, ou da palavra. Talvez seja aquela dimensão mítica, tão falsa quanto verdadeira, das criaturas separadas por Zeus (deus de casas divididas). É uma, não a, dimensão do amor.